

**Folha de S. Paulo**

**15/3/1986**

**Excesso de heróis**

São Paulo

Não seria absurdo pensar que o entusiasmo dos cidadãos com determinado governante fosse, de algum modo, intransferível; ou que pelo menos a capacidade para se idolatrarem as personalidades públicas tivesse limites aritméticos ou cronológicos, restringindo-se alternativamente a uma ou mais figura em evidência. Mas a parcimônia popular é inversamente proporcional ao congelamento dos preços, ou, por outra, sua generosidade política não parece seguir, com tanta rapidez como os produtos de supermercado, as pressões da oferta e da procura.

Um ano atrás, a canonização pública de Tancredo Neves dava a impressão de que se tinha esgotado por um bom tempo a disponibilidade dos brasileiros para o apoio absoluto e incontestado. A opinião pública distinguia vagamente, no lugar do ministério, uma rotação apagada de satélites em contínuo risco de entrechoque; numa retração mútua, governo e cidadãos mediam-se com um olhar decepcionado e ensombrecido. Não havia, sequer na oposição, alguém capaz de substituir-se à unanimidade irreparável e tardia de Tancredo.

Agora todos repartem sem maiores descontentamentos o sucesso do programa econômico — Sarney recebe, num sorriso imperial, permanente, apaziguado e largo, o reconhecimento da população. E há heróis para todos os gostos — da solenidade do presidente ao encabulamento de Sayad, da gravidade pausada de Funaro ao tumulto feroz e emotivo de Maria Conceição. Consagrados pelo acerto e pela sorte, reúnem, com força gravitacional irresistível, as propensões nacionais à felicidade.

Consequência disto ou não, a disputa pelo governo estadual ficou reduzida a um acontecimento periférico. Sem Setúbal e Pazzianotto; com Quércia, Marin e Maluf sucedendo-se numa igual falta de significado; e com um PT opondo-se ao choque, é como se a iluminação federal tivesse monopolizado tudo e deixasse, aos olhos ofuscados e entusiastas da população, apenas uma estreita faixa de trevas aos candidatos estaduais. Não admira, então, que o líder sindicalista de Guariba, José de Fátima, terminasse aderindo a Maluf: no obscurecimento geral de alternativas, os gatos ficaram mais pardos que nunca.

Marcelo Coelho

**(Primeiro Caderno — Página 2)**